

# AMPLIAÇÃO DA IMAGEM ARQUITETÔNICA COMO SISTEMA NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

## ENLARGEMENT OF IMAGE ARCHITECTONIC AS SYSTEM IN THE HISTORY OF THE PHILOSOPHY

Rodrigo Andia Araújo\*

**Resumo:** a possibilidade mesma de uma arquitetônica da razão pura não é apenas uma imagem reguladora ou metafórica que caracteriza e compreende o sistema das faculdades de conhecimento, mas antes um conceito que modela profundamente a razão e a sua construção na história da filosofia. Mesmo que a história filosófica seja para Kant negativa e inteiramente conflituosa do ponto de vista conceitual, ou mesmo que ela, antes da *Crítica*, não tenha conquistado um destino tão duradouro, a razão não deixa de cumprir o seu propósito mais esperado, isto é, de que ela é na sua natureza arquitetonicamente histórica nos seus processos de coleta e reciclagem.

**Palavras-chave:** Arquitetônica. Metáfora. Imagem. História.

**Abstract:** the same possibility of an architectonic of pure reason it's not just a regulatory or metaphorical image which characterizes and understand the system of the faculties of Knowledge, but a concept before that profoundly models the reason and your building in the philosophy's history. Even if philosophical history to be entirely negative and conflictive Kant's of conceptual point view, or even if it, before of the *Critique*, has not achieved a destiny so permanent, the reason not fail to fulfil the your purpose more expected, i.e, that it's in your nature architectonically historical in your processes of coleta and recycling.

**Keywords:** Architectonic. Metaphor. Image. History.

### I

Uma das leituras mais fascinantes ou envolventes da *Crítica da razão pura* (1787)<sup>1</sup>, talvez seja o terceiro capítulo da *Doutrina transcendental do método* intitulado por Kant de

---

\* Graduação e mestrado pela Universidade Estadual Paulista – Unesp – FFC – Faculdade de Filosofia e Ciências do câmpus de Marília.

<sup>1</sup> Mesmo tendo como referência sempre o original alemão nas obras do filósofo, todas as citações serão feitas por mim a partir das traduções brasileiras das quais temos em mãos, muito embora tomarei a liberdade, sempre quando possível ou necessário, de fazer algumas alterações. As obras de Kant utilizadas em geral serão citadas sempre de acordo com a edição da Academia, com exceção da primeira *Crítica*, que farei uso em particular da edição Reclam (*Reclams Universal Bibliothek Nr. 6461 – 1966 Philipp Reclam jun. GmbH & Co., Stuttgart*).

A *arquitetônica da razão pura*. Aliás, a propósito do “método”<sup>2</sup>, o filósofo mesmo reitera que dele se retira necessariamente as “condições formais” de um sistema completo da razão, inculcando a ela respectivamente uma *disciplina*, um *cânion* e uma *arquitetônica*, determinando-nos também, segundo ele, a possibilidade de uma história da razão pura. Inclusive, a respeito do penúltimo capítulo da *Crítica*, muitos estudiosos ou pesquisadores da literatura kantiana também parecem concordar entre si que este capítulo seja parte fundamental ou até mesmo reguladora que modela e configura os elementos mais essenciais ou determinantes da proposta crítica<sup>3</sup>, seja pela propedêutica do conhecimento, da racionalidade humana, do espírito crítico que a própria filosofia kantiana nos remete, ou inclusive pela possibilidade dela como ciência, em suma, dos meios ou fins que a filosofia mesma pode e consegue alcançar como “sistema”. Aliás, a propósito desta última palavra ou da necessidade substancial da razão constituir-se como ciência, eis aí o denominador comum que procura distinguir, segundo Kant, o conhecimento comum (*gemeine Erkenntnis*) do conhecimento filosófico ou científico, daquilo que é como mero agregado (*blossen Aggregat*) de ideias ou conceitos, de um conhecimento essencialmente especulativo, racional e ao mesmo tempo arquitetônico.

Ao considerar então esses elementos, exposições ou imagens conceituais que configuram e caracterizam o capítulo da *arquitetônica*, veremos que não é por acaso ou inteiramente inconsequente o fato de Kant terminar a primeira *Crítica* com a proposta ou investigação de uma “história da razão pura”, ou seja, de uma concepção que, segundo o filósofo, ainda deve ser preenchida, pelo menos futuramente, no “sistema” como conhecimento especulativo ou racional. Essa possibilidade, entretanto, mostrará inclusive que a necessidade mesma de uma razão arquitetônica é essencialmente válida, não só para

---

<sup>2</sup> Cf. Kant, *KrV* B736.

<sup>3</sup> Mesmo o capítulo da *arquitetônica* não sendo, por assim dizer, o “coração” da obra kantiana, isto é, a centralidade que configura a *Crítica* na sua essencialidade como Kant nos mostra analiticamente na *Doutrina transcendental dos elementos*, será justamente pela utilização dessa metáfora que Kant inculcará uma forma no processo de racionalização da filosofia, seja ela no contexto sistemático das faculdades de conhecimento, ou no contexto puramente histórico da filosofia, mostrando a efetiva validade da imagem arquitetônica no sistema da filosofia em geral. No processo de caracterização e amplitude do conceito em *Metáforas da razão ou economia poética do pensar kantiano*, Leonel Ribeiro dos Santos (1994, p. 349), na sua breve apreciação sobre o conceito, nos dirá o seguinte: “Os comentadores há muito notaram a importância da metáfora arquitetônica na filosofia de Kant. Heidegger, pensador para quem as metáforas da ‘casa’ e do ‘habitar’ traduzem o essencial da relação do homem ao Ser, falando da arquitetura kantiana, diz que ela não é <nenhum enfeite> (*kein Aufputz*). Heimsoeth considera-a como uma das três metáforas principais (*Hauptmetapher*) – as outras duas seriam a jurídico-estatal e a orgânica – em que se expõe a noção kantiana de *sistema*”.

determinar sistematicamente as faculdades de conhecimento, mas principalmente todo o conhecimento que a razão busca e constrói como fins determinados, mesmo que a filosofia não tenha conquistado para si, segundo o filósofo, um sucesso tão duradouro ao longo da história. Sob essa perspectiva “a ideia originária de uma filosofia da razão pura prescreve ela mesma esta divisão. Esta última é, pois, *arquitetônica* em conformidade com os fins essenciais da razão, e não meramente técnica [...]”. (KANT, 1983, p. 411). Será por meio dessa análise, ou pelo menos da ampliação que pretendemos fazer do conceito referido, qual seja, a do sistema, que permeará a ideia centralizadora do artigo, ou seja, de que o sistema, pela sua natureza mesma na razão, também faz parte de uma história filosófica e kantiana segundo os princípios críticos da razão.

Pela proposta já referida, o que compreende Kant então por arquitetônica? Qual o significado real ou conceitual da expressão “ideia do todo”? Segundo os moldes da filosofia kantiana, esta ideia ou imagem serve para caracterizar ou definir uma unidade sistemática ao conhecimento, ou seja, um princípio fundado inteiramente na razão, e da qual ela se utiliza para organizar um múltiplo numa unidade arquitetônica (*architektonische Einheit*).

Em Kant (1983, p. 405), por exemplo, justamente no capítulo do qual nos ocupamos, o seguinte pressuposto pode ser admitido como regra geral, isto é, de que “sob o governo da razão, de modo algum é admissível que os nossos conhecimentos perfaçam uma rapsódia (*Unter der Regierung der Vernunft dürfen unsere Erkenntnisse überhaupt keine Rhapsodie*); ao contrário, têm que constituir um sistema unicamente no qual é capaz de sustentar e promover os fins essenciais da razão”<sup>4</sup>. Pode até nos parecer que esta afirmação, tomada como regra ou lei, já esteja explícita no modo de exposição pela qual a proposta crítica se precede, mas, na verdade, ela nos revela muito mais do que imaginamos ou pressupomos ao relacionarmos razão e crítica simultaneamente.

Kant mesmo, em outras passagens da *Crítica*, também nos revela a essencialidade ou necessidade de inculcar na razão um pressuposto arquitetônico, isto é, um princípio transcendental pelo qual é possível sistematizar, mediante princípios, a totalidade do conhecimento. Pelo menos é assim que se encontra a passagem comentada pelo filósofo na *seção terceira da antinomia da razão pura*, que no conflito eminente entre epicurismo e platonismo, jamais houve a possibilidade de uma construção arquitetonicamente viável para

---

<sup>4</sup> Cf. *KrV* B860.

o conhecimento. “A razão humana – diz Kant – é por sua (*ihrer*) natureza arquitetônica, isto é, considera todos os conhecimentos como pertencentes a um sistema possível e por isso permite também somente aqueles princípios que pelo menos não tornem um conhecimento projetado incapaz de coexistir, em qualquer sistema, com outros em conjunto”.<sup>5</sup>

## II

Mesmo assim, se é esta a necessidade essencial da razão, ou, propriamente, se a sua natureza se desenvolve arquitetonicamente segundo ou conforme princípios racionais, nada é mais natural então do que começarmos pela sua própria definição posta por Kant a este mesmo conceito, qual seja, de que “por uma *arquitetônica* entende a arte dos sistemas” (KANT, 1983, p. 405), isto é, que o sistema, como possibilidade real de uma determinada unidade, “torna o conhecimento comum uma ciência”, possibilidade esta que só encontra a sua utilidade efetiva por meio de uma ideia ou princípio que a própria razão nos fornece. Contudo, a finalidade da passagem colocada por Kant aqui é justamente fazer ou constituir esse conhecimento – que por meio de uma ideia há muito tempo permaneceu “oculta em nós” – uma unidade sistemática, uma totalidade resultante dos esforços empreendidos pelos filósofos na história, mas que só encontra paz e segurança, firmeza e fundamento com estabelecimento propriamente dito de uma crítica, ou de uma metafísica consistente e permanente. Um propósito aliás que somente a *Crítica*, como exercício propedêutico ou preliminar das possibilidades de conhecimento, consegue realizar na filosofia, ou seja, na elaboração de um plano ou fundamento duradouro para a construção definitiva de um edifício único e sustentável por si mesmo, tarefa esta que filósofo nenhum conseguiu realizar na história. É justamente aí que a imagem ou metáfora arquitetônica encontra a sua força devida, caracterizando e relacionando não só ciência e sistema em conjunto, mas inculcando a elas também um sentido histórico e racional, seja pela filosofia ou investigação

---

<sup>5</sup>“Die menschliche Vernunft ist ihrer Natur nach architektonisch, d.i. sie betrachtet alle Erkenntnisse als gehörig zu einem möglichen System, und verstattet daher auch nur solche Prinzipien, die eine vorhabende Erkenntnis wenigstens nicht unfähig machen, in irgend einem System mit anderen zusammen zu stehen”. *KrV* B 502.

filosófica proposta até então ou propriamente pelo tipo de “metafísica” construída, totalmente descabida e sem fundamento antes de uma análise preliminar do conhecimento.

No artigo de Paula Manchester, *Kant`s conception of Architectonic in its Historical Context* (2003), cujo fio condutor da investigação é justamente mostrar as origens ou caminhos que a imagem arquitetônica trilha na história, a autora nos faz uma bela elucidação do conceito até a chegada propriamente dita da *Crítica* — ou, do significado singular ou relevância filosófica que Kant impõe ao termo a partir da *Doutrina transcendental do método* — conciliando a ciência e o sistema num único edifício construído, mas fazendo da própria filosofia um sistema de conhecimento inteiramente auto-suficiente e dinâmico, cuja finalidade última e suprema não é essencialmente o uso teórico da razão, mas da sua utilidade prática ou moral pela existência humana, ou seja, do propósito mesmo do indivíduo como sujeito esclarecido e cosmopolita. No entanto, somente a *Crítica* executa a tarefa referida acima, tanto no sentido teórico e prático da razão, somente ela seria capaz de se utilizar dos materiais até então recolhidos e esboçar por completo o sistema de uma arquitetônica do conhecimento racional. Para Manchester (2003, p. 8), a exemplo dessas condições que somente o projeto crítico estabelece, ou propriamente do “mapa” que a razão nos propõe no cumprimento do projeto histórico com a chegada da *Crítica*, é porque “we have to exercise judgment about what we find in the History, becoming capable of interrogation the major revolutions. What architectonic contributes to the method is a map that will let us perceive the significance of what we will see on our future travels in the History of the use of human reason”. A razão por isso é essencialmente histórica e somente a crítica como tal, tendo em mãos a completude do todo, pode finalizar o edifício arquitetônico do conhecimento.

Neste caso, este conceito, ou mais propriamente a expressão pela qual Kant se refere como “ideia do todo” (*idee des Ganze*), não é e nem deve ser um conceito meramente estático ou fixo que caracteriza uma filosofia ou outra, mas um conceito inteiramente dinâmico, que se coaduna intrinsecamente com o orgânico, como uma espécie de ser vivo e completamente auto-suficiente. É também, conforme a interpretação teórica de Giuseppe Micheli<sup>6</sup> em *Kant storico della filosofia*, uma ideia permeadora que caracteriza todo o

---

<sup>6</sup> Cf. Micheli, G. *Storico della filosofia*, Editrice Antenore: Padova, 1980. Obra que caracteriza com maestria a substancialidade do pensamento kantiano com relação ao conceito de história da filosofia, não só pelas

sistema, não só pelo eixo central da filosofia kantiana na sua particularidade, mas também, pela seguinte argumentação interpretativa, “[...] os ‘sistemas’ de filosofia, tiveram todos a sua causa primeira, o seu ‘princípio’, o seu ‘germe originário na razão, que simplesmente se desenvolve’: e isto para Kant vale, ao menos em certas condições, não só para cada sistema de filosofia historicamente dado, mas também para a história da filosofia no seu complexo”<sup>7</sup> (MICHELI, 1980, p. 226).

O todo, portanto, não é um conceito interno ou intransigente que caracteriza um determinado elemento em particular, ou o de um sistema filosófico isolado, mas o de uma *ideia* que se reproduz e se reconstrói historicamente na filosofia, mesmo que o caminho ou propósito da razão seja dado na história a passos curtos, em suma, de uma longa edificação que sofre constantemente o tormento da reforma, até que a forma mais perfeita seja definitivamente encontrada. Pretendendo seguir este mesmo caminho, isto é, esta mesma concepção interpretativa já comentada aqui pelo autor, podemos claramente conceber que a sistematicidade é o que há de mais essencial na definição de um conhecimento que é essencialmente “filosófico”. Enfim, uma espécie de arquétipo mediador e ao mesmo tempo mutável que se modifica e se transforma nas tentativas diversas do procedimento histórico filosófico, isto é, de uma razão que se permite reconstruir arquitetonicamente ao longo da história. Essa empreitada, portanto, não seria possível se não fosse justamente pelo esquema, que projeta e organiza o múltiplo recolhido na consecução mesma de um sistema. O que realmente pretendemos compreender disso é, dado é claro, pela passagem que nos segue:

Ninguém tenta estabelecer uma ciência sem que lhe subjaza uma ideia. Só que na elaboração de uma tal ciência, o esquema, e até mesmo a definição que dá logo de início de sua ciência, corresponde muito raramente à sua ideia, pois esta última se encontra na razão como um germe no qual todas as partes estão ocultas, ainda muito pouco desenvolvidas e mal reconhecíveis a uma observação microscópica. Para tanto – [...] a Filosofia é, pois, o sistema de todo o conhecimento filosófico. É necessário tomá-la objetivamente caso se compreenda por Filosofia o arquétipo para se julgar todas as tentativas de filosofar; este arquétipo

---

referências ou do modo como Kant se referia aos filósofos nas lições (*Vorlesung*) introduzidas aos alunos durante o período pré-crítico, até a sua máxima caracterização mais específica e sistemática na época madura do filósofo.

<sup>7</sup> “[...] i sistemi di filosofia, hanno tutti la loro causa prima, il loro principio, il loro ‘germe originario, nella ragione che semplicemente si sviluppa’: e questo per Kant vale, almeno a certe condizioni, per ciascun sistema di filosofia storicamente dato, ma anche per la storia della filosofia nel suo complesso”. Cf. Micheli, G, 1980, 226).

deve servir para julgar toda a filosofia subjetiva, cujo edifício é freqüentemente tão diversificado e tão mutável. Deste modo, a filosofia é uma simples idéia de uma ciência possível que não é dada em parte alguma; seguindo diversos caminhos, procuramos avizinhar-nos desta idéia até descobrirmos a única senda, bastante obstruída pela sensibilidade, e conseguirmos no arquétipo igualar, tanto quanto seja dado a seres humanos, a cópia até então defeituosa. (KANT, 1983, p. 406-407).

Pela passagem citada acima, ou propriamente pela análise dos argumentos colocados pelo filósofo, o seguinte pressuposto pode assim ser definido, qual seja: ao mesmo tempo que Kant busca definir ou estabelecer o que é definitivamente essencial como *fundamento* na consecução precisa de uma filosofia considerada “crítica”, diferenciando-a, por isso, dos demais sistemas que se pretendia colocar como autêntica filosofia, a mesma linha interpretativa não pode ser separada se excluíssemos também o caráter histórico pelo qual ela textualmente e definitivamente nos refere. O arquétipo (*Urbild*) exposto no qual Kant aqui se utiliza, como ele mesmo reitera, é para julgar as tentativas até então fracassadas da filosofia, mesmo porque, trata-se aqui, de uma ideia ou de uma ciência que não é dada ou estabelecida em parte alguma, a não ser necessariamente pelos fins essenciais ou até mesmo supremos que a razão, ao longo da sua construção histórica, deve definitivamente cumprir como sistemática de todo o saber humano. Percebemos então que esta perspectiva, que é a do sistema propriamente dito, parece ser uma constante intrínseca do pensamento filosófico kantiano, ou mesmo de uma necessidade substancial ao fornecimento de uma unidade ou “coerência” ao sistema mesmo da razão, mas cuja tarefa não poderia ser estabelecida arquitetonicamente segundo a ideia do todo.

Caracterizar então um procedimento filosófico que possa nos indicar a causa mesma do “filosofar”, ou como Kant assim expressa, “exercer os talentos da razão”, mas não como artista e sim como legislador (*Gesetzgeber*) – que é, neste caso, a tarefa primordial do filósofo – não seria possível se não fosse pela substancialidade deste princípio, isto é, do todo, responsável não só por uma arquitetônica filosófica do conhecimento, mas também de uma razão que é essencialmente histórica no seu procedimento. Aliás, a essencialidade mesma dessa interpretação, isto é, da necessidade intrínseca da filosofia alcançar uma determinada unidade no sistema enquanto conhecimento especulativo, nem sempre obteve uma tradução interpretativa mais correta daquilo que realmente significaria ou representa uma razão arquitetônica, como se a filosofia, na sua mais alta representatividade, fosse algo

inteiramente oposto ao procedimento filosófico. Na verdade, trata-se aqui de um conciliamento mútuo e constante entre as partes, pois mesmo que a “Filosofia” não esteja em parte alguma, ou mesmo que não se possa considerá-la também uma espécie de “enciclopédia”, cujos elementos ou conceitos já estariam ali pré-estabelecidos, a prática filosófica mesma não pode e nem exclui em definitivo a sua história. Infelizmente, nem sempre é pelo mesmo caminho, ou pelo mesmo viés interpretativo no qual alguns pesquisadores ou estudiosos da literatura kantiana interpretam uma das mais conhecidas passagens da *Crítica*, seja pela sua significação ou amplitude histórica, isto é, do propósito essencialmente arquitetônico que a razão essencialmente deve cumprir, ou de forma inteiramente indevida ou parcial, qual seja, de que “[...] dentre todas as ciências racionais (a priori), portanto, só é possível aprender Matemática, mas jamais Filosofia (a não ser historicamente); no que tange a razão, o máximo que se pode é aprender a *filosofar*”. (KANT, 1983, p. 407, grifo do autor, B865). A ação aqui explícita em Kant é a de satisfazer, neste caso, uma totalidade sistemática dos conhecimentos filosóficos, ou propriamente dos “fins essenciais” que a razão necessariamente deve alcançar, não só na sua totalidade especulativa, ou seja, propriamente como ciência, mas também no sentido moral e prático da razão.

Seguindo este mesmo âmbito interpretativo da passagem acima citada, Oswaldo Giacóia Junior em *Sobre o filósofo como educador em Kant e Nietzsche* (2005), tenta resgatar o mesmo sentido significativo ao analisar a mesma referência. Uma condição, aliás, que não pode ser separada da história, ou seja, de um esforço que, segundo o comentador, além de percorrer o caminho proposto pela crítica kantiana, também representa aqui uma tentativa de se estabelecer uma “arquitetônica geral”, e não unicamente em referência ao sistema ou projeto crítico kantiano, mas a do conhecimento filosófico como um “todo”, isto é, de um exercício especulativo que se constrói e avança ao longo da história. É com relação a este procedimento, ou do caminho que se pretende aqui projetar, que se caracteriza a natureza mesma de uma razão arquitetonicamente construída, pelo menos segundo a forma ou pressupostos da filosofia kantiana. São nessas considerações que Giacóia<sup>8</sup> interpretando a passagem já citada acima, e se referindo nos mesmos termos

---

<sup>8</sup> Embora o caminho do artigo seja completamente outro proposto pelo autor, e devidamente comentado segundo as indicações que mais representam o tema, isto é, de resgatar a imagem do filósofo como educador ao fazer um contra ponto entre Kant e Nietzsche, ele mesmo reitera o fato de que a imagem construída do



já comentados aqui, ou da mesma relevância de um ideal arquitetônico, nos fornece assim o seguinte comentário:

Não encontramos realizada, na experiência, essa ideia de um sistema completo dos conhecimentos filosóficos. Tudo que podemos fazer é nos aproximar dela, percorrendo o caminho proposto pelo programa crítico kantiano e nos esforçando para completar, até onde é possível para os esforços humanos, uma arquitetônica geral da razão humana: essa é a “única senda, batante obstruída pela sensibilidade”, de que tratava o texto acima citado. Justamente porque o sistema dessa ciência constitui uma realidade apenas ideal, não podemos ensinar nem aprender *filosofia*. Tudo o que podemos fazer é aprender a filosofar, *a partir de um exercício realizado com as tentativas históricas de filosofar*, ou seja, com a história da filosofia. (GIACÓIA, 2005, p. 91, grifo do autor).

O interesse de Kant não é apenas elaborar um plano esquemático que caracterize e represente o projeto crítico em particular, ou dos elementos e conceitos que configuram e sistematizam o que se denomina filosofia *transcendental*, mas sim incutir, na sua contrapartida, um todo sistemático que represente a história da filosofia em geral, ou seja, uma sistemática ou possibilidade de sistema que, aos olhos do filósofo, nada mais significou do que “edifícios em ruínas”, mas cujo propósito seja esboçar, a partir da razão pura, uma arquitetônica de todo o conhecimento.<sup>9</sup>

Contudo, nem sempre temos a facilidade de caracterizar o que exatamente representa essa mutabilidade, principalmente quando consideramos o modo de proceder de uma razão que é no seu essencial arquitetonicamente orgânica. Mesmo assim, não é nosso objetivo no momento tratarmos da amplitude significativa dessa última imagem referida, também relevante na compreensão do tema discutido, mas aqui, unicamente dos pressupostos ou problemas que a metáfora arquitetônica nos apresenta em geral no sistema da história.

---

filósofo, pelo menos no que cabe a Kant, não deve ser apenas a de um intelectual comum, que promove e sustenta interesses unicamente particulares e subjetivos, mas, de modo inteiramente kantiano, ou seja, como *legislador da razão*, que promove e alcança os fins essenciais da razão. Este procedimento, que resgata os pressupostos de uma razão arquitetônica em geral, além de compreender, segundo Giacóia, uma finalidade moral e ética do homem, também não exclui o conhecimento filosófico em definitivo, muito menos a história da filosofia, seja no sentido especulativo ou científico – e do qual mais nos interessa no momento – como também no sentido prático como fim supremo da razão.

<sup>9</sup> Cf. Ribeiro, L. dos Santos. Dimensão arquitetônica do pensamento kantiano. In: *Metáforas da razão ou economia poética do pensar kantiano*, 1994, p. 357.

Qual então o real motivo dessa problemática ou dificuldade? Para Yirmiahu Yovel<sup>10</sup>, no seu artigo intitulado *Kant et l'histoire de la Philosophie*, a exposição reflexiva e esquemática da história filosófica coloca-se da seguinte maneira: “Portanto, apesar dos conflitos intermináveis entre racionalistas e empiristas, céticos e dogmáticos, hedonistas e puritas, Estóicos e Picureos, filósofos fragmentários (analíticos) e sinópticos, todos são, no entanto, membros históricos de uma única Totalidade orgânica; **eles são governados pela arquitetônica da razão e revelam gradualmente sua harmonia**”<sup>11</sup>. (YOVEL, 1981, p. 23, grifo nosso). A análise feita pelo comentador parte do ponto de vista de uma harmonia gradual que a razão busca e alcança necessariamente com a chegada ou estabelecimento mesmo da *Crítica* como método propedêutico. Entretanto, a dificuldade mesma dessa leitura interpretativa é justamente identificar com precisão quais são ou pelo menos seriam os elementos ou materiais que justificassem essa harmonia gradual da qual Yovel nos coloca, pois a visão de história que Kant assim nos remete não é a de um procedimento harmonioso na sua completude, mas apenas e unicamente como “edifícios em ruínas”, isto é, do conflito entre ideias e conceitos que sempre caracterizaram de modo geral o processo histórico da filosofia, ou, de uma investigação que não encontrou até o presente momento um fundamento duradouro pelo qual a filosofia pudesse se sustentar definitivamente como sistema.

Embora Yovel também concorde que a história da filosofia seja um produto conflituoso entre escolas e sistemas filosóficos, seguindo os moldes interpretativos assim estabelecidos pela filosofia kantiana, não poderíamos ao mesmo tempo admitir que deste processo resultaria também uma totalidade inteiramente harmoniosa e gradual da filosofia, conforme o estabelecido pelo comentador na passagem colocada acima. É justamente aí que reside a dificuldade conciliadora ao atribuir uma razão arquitetônica caracterizada aqui como sistema com a ideia de uma harmonia estabelecida gradativamente.

A história filosófica é negativa e conflituosa porque, segundo Kant, o plano que os filósofos pretenderam construir como sistema jamais fôra projetado segundo os princípios que sustentam e promovem as condições de possibilidade do conhecimento, isto é, de uma

---

<sup>10</sup> Université Hébraïque de Jerusalem, *Archives de Philosophie* 44, 1981, p. 19-41.

<sup>11</sup> “Ainsi, malgré les conflits interminables entre rationalistes et empiristes, sceptiques et dogmatiques, hédonistes et puristes, Stoiciens et Epicuriens, philosophes fragmentaires (analytiques) et synoptiques, tous sont néanmoins des membres historiques d'un unique Tout organique; **ils sont gouvernés par l'architecture de la raison et révèlent graduellement son harmonie.**”

metafísica altamente consistente e permanente como arcabouço ou “antecâmara” da razão. Isto significa que a história da filosofia, durante toda a sua trajetória ou dimensão conceitual, também é a da metafísica em geral, de uma razão que busca ou pretende encontrar o seu lugar devido, ou de uma moradia ou casa própria, que mediante princípios, a razão consiga definitivamente construir para si uma habitação definitiva e permanente, um propósito aliás que a filosofia dogmática jamais conseguira realizar historicamente. São diversas as referências que o filósofo faz em detrimento da metafísica, isto é, de que ela, ao longo da história, fracassara, não encontrando o seu lugar comum e seguro de habitação. Contudo, somente a crítica como tal, ou plenamente como sistema fundado em princípios da razão, conseguiria solucionar o problema que a filosofia sempre almejava<sup>12</sup>.

Nesses termos, é certo que ela busca e sempre idealizou, mediante os processos históricos filosóficos, uma certa totalidade e sistematização na filosofia, mas a casa ou a moradia construída pelos filósofos na história não foi pela coerência ou pela harmonia linguística ou filosófica estabelecida entre eles, mas a de uma habitação particular, isolada e individual, cujo método ou procedimento não é aquele pelo qual se estabelece um fundamento seguro e duradouro na filosofia

Aquela apreciação histórica e interpretativa da filosofia, que aos olhos de Kant nada mais é do que uma contemplação negativa dessa mesma história, faz Leonel recordar, mas agora conforme os fatos da filosofia, “nos termos de um conhecido relato bíblico”, isto é, da experiência de Babel. Fatos aliás que não justificam a possibilidade de uma harmonia gradativa da história, pois não foi essa, segundo Kant, a intenção propriamente dita dos filósofos.

A respeito dessa interpretação ou analogia entre a filosofia e o testemunho bíblico, assim afirma o comentador: “ignorantes do seu verdadeiro interesse e necessidade, ou

---

<sup>12</sup> Sempre se referindo à metafísica e aos filósofos da história, assim diz Kant, por exemplo, no primeiro prefácio de 1781 “Inicialmente, sob a hegemonia dos *dogmáticos*, o seu poder era *despótico*. Porém, como a legislação ainda trazia consigo o vestígio da antiga barbárie, pouco a pouco, devido a guerras intestinas, caiu essa metafísica em completa *anarquia* e os *cépticos*, espécie de nômadas, que tem repugnância em se estabelecer definitivamente numa terra, rompiam, de tempos a tempos, a ordem social. Como felizmente, eram pouco numerosos, não puderam impedir que os seus adversários, os dogmáticos, embora sem concordarem num plano prévio, tentassem repetidamente, restaurar a ordem destruída”. No final do texto, quando os pressupostos da *Crítica* já estão aí colocados como possibilidade a priori do conhecimento e da metafísica, Kant ainda nos dirá: “Esta crítica teve primeiro que expor as fontes e as condições de possibilidade desta metafísica e necessitou limpar e de alisar um terreno mal preparado”.

movidos pelo seu orgulho e ambição desmedida, os homens pretendem edificar uma torre que chegue ao céu, em vez de se entregarem à construção da casa de habitação de que necessitam para o mundo da experiência”. Sendo essa a visão geral que Kant, segundo Leonel (1994, p. 385), faz da história filosófica, ele ainda continua o seu comentário da seguinte maneira, pois, sob esta perspectiva, os filósofos “acresce ainda que não se entendem a respeito da natureza do plano da construção e, desse modo, é a contradição, a confusão das linguagens e a dispersão que inevitavelmente grassam no reino mesmo da razão que é a Metafísica”.

Portanto, mesmo a história da filosofia expressando e buscando necessariamente uma totalidade que se dirige em torno de um plano seguro, firme e sustentável, ou mesmo que o destino da metafísica ou propriamente da história, depois de diversas tentativas fracassadas, não seja mais aquela da qual Sísifo havia sido condenado, a razão encontra definitivamente com a crítica a sua paz e segurança tão esperada, mesmo que antes, na história da filosofia, não tenha ocorrido progresso algum.

Esta pretensão ou esperança que a razão sempre buscou no alcance de um fundamento mais duradouro, sempre foi enaltecida por Kant de um modo ou de outro, isto é, de um “terreno” firme e ao mesmo tempo eficaz que seja capaz de sustentar em definitivo, mediante os princípios *a priori* ou puros do entendimento, uma “metafísica” duradoura, capaz de dissolver neste caso o conflito sempre característico ou existente na história da filosofia. Entretanto, mesmo que o projeto ou plano previamente estabelecido, antes da *Crítica*, não tenha sido plenamente ou corretamente realizado, e mesmo que a ideia de um auto exame da razão como filosofia propedêutica tenha amadurecido tardiamente e propriamente com o filósofo, isto já seria suficiente para justificar a visão negativa que Kant faz da história da filosofia, como se o edifício arquitetônico mesmo da razão estivesse numa longa espera durante a história, até que os materiais fossem suficientemente recolhidos na construção definitiva deste mesmo edifício de conhecimento.

É natural então, mediante os pressupostos ou argumentos que aqui foram colocados, dizer que razão e metafísica caminham juntamente, e que seu invólucro definitivo como imagem ou metáfora analógica, se define conforme os princípios que permitem uma construção arquitetônica dessa mesma razão, ou como fins essenciais que ela necessariamente deve e pretende alcançar. Este destino, ou projeto que há muito tempo a

filosofia pretendia construir, só é alcançado na sua totalidade com o estabelecimento propriamente dito da crítica como sistema propedêutico da razão, isto é, quando pela primeira vez na história a razão consegue caminhar independentemente, construindo para si o edifício que tanto almejava e que filósofo nenhum conseguira estabelecer. A esse respeito, Kant (1983, p. 413) conclui, pois, a metafísica, “[...] tanto da natureza quanto dos costumes e principalmente a crítica de uma razão que se aventura a andar sobre os seus próprios pés, crítica que procede a título de *exercício preliminar* (propedeuticamente), constituem propriamente sozinhas aquilo que num sentido autêntico podemos denominar Filosofia”. Nesses termos, se é este o escopo final e necessário da filosofia, isto é, buscar na história um fundamento seguro como condição de possibilidade de uma metafísica inteiramente renovada, então a história filosófica tão almejada por Kant não é somente a de uma arquitetônica em geral, mas especificamente de uma história que é a da razão pura do conhecimento.

## **Referências**

- JUNIOR, O. G. Sobre o filósofo como educador em Kant e Nietzsche. *Dois pontos*. São Carlos, v. 2, n. 2, p. 77-96, 2005.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Kritik der reinen Vernunft*. Stuttgart: Philipp Reclam jun., 2009.
- \_\_\_\_\_. *Crítica da faculdade do juízo*. Porto Alegre: Forense Universitária, 1995.
- MANCHESTER, P. Kant's conception of architectonic in its historical context. *Journal of History of Philosophy*. Califórnia, v. 41, n. 2, p. 187-207, 2003.
- MICHELI, G. *Kant storico della filosofia*. Padova: Antenore, 1980
- RIBEIRO, L. dos S. *Metáforas da razão ou economia poética do pensar kantiano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- YOVEL, Y. *Kant et l'histoire de la philosophie*. Jerusalém: Archives de Philosophie, 44. 1981. p. 19-41.

## **Bibliografia Consultada**

- BECKENKAMP, J. (Org.). *Entre Kant e Hegel*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.
- BRAUN, L. L'histoire de la philosophie a l'heure du criticisme. *Histoire de l'histoire de la philosophie*. Paris: Editions Ophrys, 1973. p. 205-60.

- GERRA, A. *Introduzione a Kant*. Roma: Laterza, 1999.
- HEGEL, G. *Fenomenologia do espírito*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- KANT, I. *Dissertação de 1770 seguida de Carta a Marcus Herz*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Kritik der Urteilskraft*. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Prolegômenos a toda metafísica futura*. Trad. Artur Morão. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Os progressos da metafísica*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Lógica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Primeira introdução à crítica do juízo*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Da utilidade de uma nova crítica da razão pura*. São Paulo: Hemus, 1975.
- LEBRUN, G. *Kant e o fim da metafísica*. São Paulo: Martins Fontes, 1993
- MARQUES, A. Organismo e sistema na terceira Crítica de Kant. *Filosofia*. Lisboa, n. 3, p. 19-33, 1986.
- MARKET, O. *Recepção da Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1992.
- MICHELI, G. Kant e la storia della filosofia. *Studies on Voltaire and the Eighteenth Century*. (Norwich), 191, p. 587-595, 1980.
- \_\_\_\_\_. La svolta kantiana. In: \_\_\_\_\_. *Storia delle storie generali della filosofia*. Padova: Antenore, 1988. p. 879-957.
- RIBEIRO, L. dos S. *Kant e a idéia de uma história filosófica da filosofia*. In: ENCONTRO DE PROFESSORES E PESQUISADORES DE FILOSOFIA BRASILEIRA, I., 2005, Rio de Janeiro.

**Artigo recebido em: 27/09/11**

**Aceito em: 15/12/11**